

## RACHEL DE QUEIROZ E SEU PERCURSO CRIATIVO EM *MEMORIAL DE MARIA MOURA*: O LIVRO E A MINISSÉRIE

Andrea C. MARTINS<sup>3</sup>

*Romance é como gravidez. Aquilo fica dentro de você, crescendo, incomodando, até sair.*(Rachel de Queiroz)<sup>4</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa o processo de criação da obra *Memorial de Maria Moura* (1994), de Rachel de Queiroz, e sua recriação para a minissérie de televisão homônima, produzida pela Rede Globo, em 1996. O romance, escrito ao longo de 17 anos, foi precedido de uma longa e minuciosa pesquisa, e é fruto do trabalho árduo da escritora, que se empenhou na construção dos personagens e desenvolvimento das ações. A escritora, portanto, reage com veemência ao se deparar, no roteiro, principalmente com cenas que contrariam a ética de sua protagonista. A partir de sugestões e observações que Rachel de Queiroz registrou no roteiro, confrontadas com as alterações feitas na obra final levada ao ar, é possível avaliar as interferências da escritora na versão televisiva do *Memorial* naquilo que ela mais preza, o caráter e a psicologia de Maria Moura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rachel de Queiroz; Memorial de Maria Moura; processo de criação; literatura; televisão.

**ABSTRACT:** The article examines the process of the creation of the novel *Memorial de Maria Moura* (1994), by Rachel de Queiroz, and also its recreation for its eponymous miniseries produced by TV Globo, in 1996. The novel, written over 17 years, was preceded by a long and thorough search, and is the result of the hard work of the writer, who has worked in construction and development of the characters' actions. The writer, therefore, reacts strongly when confronting, in the script, especially with scenes that run counter to ethics of its protagonist. From suggestions and comments Rachel de Queiroz recorded in the script, faced with changes to the final work aired, it is possible to evaluate the writer's interference on the TV version of *Memorial*, in which she likes the most, that is, the character's personality and psychology, Maria Moura.

**KEYWORDS:** Rachel de Queiroz; Memorial de Maria Moura; process of the creation; literature; television.

---

<sup>3</sup> Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense (UFF), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig)

<sup>4</sup> *Revista Veja*. São Paulo: Abril, 02 outubro 1996. Páginas Amarelas.

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2008<sup>5</sup>, na qual analisamos o processo de adaptação/recriação da obra literária *Memorial de Maria Moura*(1992), de Rachel de Queiroz, para a minissérie homônima levada ao ar pela Rede Globo de Televisão, em 1994.

Não foi difícil deixar-nos seduzir pelo romance que, como bem disse Houaiss é obra que “... encerra e realiza e consoma uma proposta não apenas verbal – e nesse caso de rara beleza e mestria”. (HOUAISS, 1992, p.4) Tampouco foi difícil deixar-nos seduzir pela minissérie, com seus belos cenários, interpretações convincentes e produção bem cuidada.

Entretanto, o que mais nos seduziu foi encontrar a escritora por trás da obra televisual, uma Rachel de Queiroz obstinada pela veracidade de sua ficção e pela coerência de seus personagens. Obstinação que se revela nos diversos documentos que precederam a escrita do romance, assim como, posteriormente, nas páginas do roteiro da minissérie, nas quais ela deixou notas, correções, protestos e sugestões, frente a algumas escolhas dos roteiristas.

Considerando que não há “fidelidade” entre obras concebidas em signos diferentes, interessou-nos, fundamentalmente, investigar até que ponto a concepção queiroziana do *Memorial de Maria Moura* prevaleceu na minissérie, ou ainda, até que ponto a autora da obra literária possa ter interferido no resultado final do produto audiovisual, uma vez que ela não permaneceu impassível ao processo de adaptação.

O que podemos constatar, a partir da leitura dos documentos de processo do *Memorial de Maria Moura*, é que esta narrativa foi construída a partir de uma cuidadosa busca de elementos e significações, de pesquisa rigorosa acerca de personagens, fatos e objetos de cena, da colaboração de amigos e, naturalmente, das experiências e lembranças pessoais da autora. Um romance que, segundo depoimento da escritora, ficou em sua cabeça durante 17 anos,

---

<sup>5</sup> O trabalho completo intitula-se *Recortes da obra Memorial de Maria Moura: o processo de (re)criação em cena*, e foi desenvolvido sob a orientação da professora Marlene Gomes Mendes.

até ser escrito, como uma obrigação<sup>6</sup>, como o filho que tem de nascer para parar de incomodar, porque “o romance não é voluntário. É uma jornada que você inicia e que não pode deixar no meio do caminho”. (QUEIROZ, 1994, p. 3)

Mas se Rachel de Queiroz não gostava do que escrevia, conforme afirmava sempre, porque as reações angustiadas – ou, quem sabe, nervosas – que ela manifesta em face de certas opções dos adaptadores de seu romance para a televisão?

À medida que avançamos na leitura dos manuscritos do romance – e, posteriormente, do roteiro - e encontramos as marcas deixadas pela escritora ao longo do caminho, não é difícil entender esse comportamento, aparentemente contraditório, de uma “leoa” que ao mesmo tempo em que rejeita, também defende a cria de possíveis “predadores”. E é esse sentimento de proteção, de defesa, que subjetivamente lemos nas notas de Rachel de Queiroz no roteiro da minissérie, em alguns momentos, como no capítulo 03, cuja cena descrita desagradava-a a ponto de ela pedir: “Por favor, Zezinho, acabe com isso tudo. Não tem nada a ver.”<sup>7</sup>

Ainda que escreva sem paixão, por obrigação, ou apenas para se livrar de um incômodo, o certo é que Rachel de Queiroz, absolutamente, não negligencia seu ofício. O que a crítica literária já constatou, analisando a qualidade das obras assinadas por ela, os estudos genéticos vêm, de certa forma, ratificar, analisando o processo minucioso de elaboração artística da escritora. Encontramos, em seu percurso, profundas marcas do que Silviano Santiago definiu como as “duas concepções da atividade criadora – dores e trabalho.” (SANTIAGO, 2003, p. 18). E pudemos constatar que Rachel de Queiroz entrega-se à sua criação com uma dedicação extrema, antes e depois de concluí-la.

Em entrevista ao jornalista Hermes Nery (2002), Rachel de Queiroz afirma que suas histórias sempre partem de experiências, sejam de vivências pessoais ou de terceiros. Mas se a escritura dessa autora principia pelo conhecimento, direto ou indireto, dos personagens e fatos que irá ficcionalizar,

---

<sup>6</sup> Sempre que perguntada sobre sua relação com a escrita, Rachel de Queiroz era contundente ao afirmar que escrevia por obrigação, por necessidade, por que não sabia fazer outra coisa. E chegou ao ponto de declarar:, em entrevista à *Revista Veja* (1996): “Detesto escrever”.

<sup>7</sup> Não conseguimos identificar a verdadeira identidade de “Zezinho”. Provavelmente trata-se de um assistente do diretor Carlos Manga, já que às vezes a escritora refere-se a um, outras vezes ao outro, e noutras ainda, aos dois.

o andamento da criação artística é alimentado por uma rígida pesquisa: da vestimenta dos personagens às armas utilizadas pela cabroeira, passando pelo latim do Padre José Maria/Beato Romano, tudo foi minuciosamente pesquisado e anotado ao longo do processo de criação. Entre os Documentos Avulsos, constituídos de *folhas soltas* e *esboços*<sup>8</sup>, estão as mais variadas notas que futuramente servirão de munição para a composição do romance.

Ainda como marcas da pesquisa empreendida pela escritora quanto aos elementos que comporão o universo de Maria Moura, encontram-se definições manuscritas de medidas e valores de peso (medida, grama, quilo, etc.) e de comprimento (braça, palmo, légua, hectare, etc.), uma página xerografada de um *Pequeno tratado de Arithmética*<sup>9</sup>, contendo informações sobre moedas brasileiras antigas (réis, derréis, vintém, pataca, etc), um datiloscrito com informações da flora silvestre (tipos de árvores, tempo de floração e frutificação), manuscritos cuja letra não coincide com a da autora e que, portanto, lhe foram cedidos por terceiros, em que constam relatos de costumes e cultura popular da época oitocentista, como receitas medicinais, orações, definições de animais de montaria, doenças, literatura popular, “brinquedo de menino” e hábitos alimentares, como por exemplo: “quando abatiam uma criação, comiam paneladas, cozidos, este (sic) sempre com pirão, pimenta e uma talagada de cachaça.” ( fl.059)

Percebe-se que o empenho da autora para dar veracidade à sua história vai aos mínimos detalhes, a ponto de parecer excessivo, pois certamente passa despercebido da maioria dos leitores. Um olhar investigativo, no entanto, permite encontrar reflexos, por exemplo, dos dados levantados por ela sobre a flora silvestre, numa passagem simples como essa: “Os tabuleiros também estavam lindos. Mês de julho – fins d’água, a terra agradecia as chuvas e rebentava em flor.” (QUEIROZ, 1997, p. 271). De cuidados como esse, a criação de Rachel de Queiroz está repleta, e quanto mais eles permanecerem ocultos para a maioria dos leitores, mais revelarão o talento e a engenhosidade da artesã no trato com a palavra.

---

<sup>8</sup> Os termos foram cunhados pela equipe de iniciação científica da UFF, coordenada pela Prof<sup>a</sup> Marlene Gomes Mendes, que procedeu à catalogação dos documentos de processo do MMM.

<sup>9</sup> Conforme observação feita pela equipe acima citada, trata-se de “provável xerox da página 160 do Pequeno Tratado de Aritmética, possivelmente incluso na *Encyclopédia Primária*, de Dr. Joaquim Maria de Lacerda, 1882.”

A julgar pelas pistas deixadas pela escritora na versão roteirizada do romance para a televisão, vale ressaltar que se o processo de criação de uma obra é árduo e doloroso como a Crítica Genética vem constatando, podemos concluir que Rachel de Queiroz sofreu duas vezes com o seu *Memorial de Maria Moura*: durante a gestação da obra literária e na concepção do produto audiovisual.

Em muitas cenas do roteiro que lhe foi apresentado, a autora deixa registrada sua angústia com os rumos que a história vai seguindo, especialmente no que se refere à violência. A partir da análise comparativa das duas versões da obra, percebe-se que tais cenas foram quase sempre supervalorizadas, ou mesmo acrescentadas ao enredo, transformando não apenas o rumo dos acontecimentos, como também, em alguns casos, o próprio caráter das personagens. Em entrevista concedida logo após a exibição da minissérie, a escritora desabafa: “Eles abusaram de duas coisas de que não gosto: sexo e violência.” (QUEIROZ, 1996, p. 10)

Entretanto, de uma maneira geral, podemos afirmar que apesar das muitas correções feitas quanto ao vocabulário, expressões e costumes da época em que se passa a saga de Maria Moura, presentes em toda a extensão do roteiro, Rachel de Queiroz aceitou bem o trabalho dos adaptadores. As ressalvas mais contundentes estão presentes, principalmente, nos capítulos 03, 06, 10 e 12, em cujas folhas-de-rosto ela deixa indicações que levam ao ponto exato questionado. Na capa do capítulo 03, por exemplo, encontramos a seguinte indicação: “ver pgs. 10, 11 e 12./ O capítulo me desagrade profunda-/mente – especialmente a partir do/ nº 24 em diante.” À margem da folha, junto com a assinatura, nova nota: “Revisto (a discutir). RQ”. Na capa do capítulo 10, uma nota simples e objetiva, na margem direita, antes da rubrica: “ver pg. 18. RQ” Entretanto, é no capítulo 12 que encontramos as maiores marcas da insatisfação da escritora, o qual analisaremos adiante.

Conforme dissemos anteriormente, as insatisfações de Rachel de Queiroz com relação à adaptação do *Memorial* para a minissérie resumem-se no “abuso” das cenas de sexo e violência. O que ela reclama, naturalmente, é

da maneira explícita com que os recriadores da obra se apropriaram desses dois ingredientes, já que é evidente a presença deles no romance.

Entretanto, na escrita de Rachel de Queiroz, uma coisa e outra são descritas com sutileza, ou ainda que se atreva um pouco mais, como no fragmento que se segue, a cena sempre fica a cargo da imaginação do leitor, não fala direto ao público, como a imagem o faz e, portanto, não chega a constranger:

Só de noite eu me soltava e me entregava. E ele se atrevia tanto comigo, que ainda sinto o rosto quente, só de me lembrar. Talvez ele me experimentasse, para ver até onde podia ir. Mas quando chegava a me fazer doer, machucar, logo se arrependia, e voltava a ser o menino dengoso, aninhado nos meus braços. Às vezes eu acordava com a cabeça loura me pesando sobre o colo, o braço enrodilhado em mim, a boca entreaberta me rodeando ainda o bico do seio, como criança que adormece sugando o peito da mãe (QUEIROZ, 1997, p.393).

Conforme palavras de Rachel de Queiroz à *Revista Domingo* (1994), ela reconhecia a necessidade e o direito que têm os adaptadores de operar mudanças quanto a personagens e acontecimentos. Entretanto, considerando seu depoimento sobre o desentendimento entre ela e a Rede Globo, quando da adaptação de *As três Marias*, percebemos que, a despeito das novas atitudes que podem ser impostas às personagens centrais, seu zelo maior é pela integridade de caráter, pelo perfil psicológico delas:

Com *As três Marias* eu tive uma grande briga com o doutor Roberto Marinho, durante a qual ele se manifestava com grande cordialidade. Eu falava: “O senhor mande parar essa porcaria”. Ele me respondia: “ Mas Rachel, eu não posso. Já está gravada toda a novela.” [...]Em *Maria Moura* eu exigi deles um atestado que dizia que era uma adaptação livre do original homônimo. (QUEIROZ, 2000, p.10 )

É importante lembrar que a personagem construída por Rachel de Queiroz no *Memorial* não aceita traições, as quais ela, às vezes, pune com a morte, e não se constrange em mandar matar quando se sente ameaçada. Mas ela tem também sua humanidade, sua ética, ainda que construída

segundo valores próprios, na contramão da lei, o que se depreende dos fragmentos da obra, a seguir::

Eu, já não seria capaz de matar quem me servisse. Mortes que já fiz foi em caso extremo, era sempre ou eles, ou eu [...]. Falando nisso, eu ainda não sei bem se sou capaz de ver sangue derramado. Nunca experimentei ver de perto o sangue dos outros; e pior será se for tirado pela minha mão. (QUEIROZ, 1997, p. 23, 178)

Essa Moura que sequer consegue ver sangue, e que é incapaz de mandar matar aqueles que a tenham servido, a não ser em casos extremos, quando se sente ameaçada, aparece no roteiro e na minissérie protagonizando cenas de extrema violência e frieza, como no exemplo que veremos a seguir.

#### **“Não me traia!”**

Já é senso comum entre cineastas e estudiosos da tradução intersemiótica, que é impossível falar em fidelidade quando se trata de traduzir uma obra para outro signo diferente daquele em que foi concebido. Rachel de Queiroz sabia e concordava com isso, e pelos registros deixados por ela no roteiro, percebemos que ela respeitou as alterações empreendidas pelos roteiristas até onde foi possível. Entretanto, segundo declarou a escritora, o contrato estabelecido com a Rede Globo concedia-lhe o direito de revisar o roteiro e fazer sugestões. E, considerando os depoimentos dela sobre a adaptação de *As três Marias*, e os recados nominais deixados para o diretor Carlos Manga, somos levados a acreditar que tenha havido um acordo entre as partes, de que a essência da personagem Maria Moura seria respeitada, o que explicaria a expressão encontrada no capítulo 12, usada no subtítulo acima. Entendemos, assim, que Rachel de Queiroz, ao pedir para não ser traída, referia-se ao contrato estabelecido para a adaptação do romance, e não, como pode parecer à primeira vista, à suposta fidelidade ao romance.

Nesse capítulo é onde encontramos a interferência mais contundente de Rachel de Queiroz, a começar pela folha de rosto: “Manga, veja, por favor, minha nota na pg 28. A cena é arbitrária, ilógica, e não passa pela garganta”. O uso do vocativo e a veemência do apelo, ressaltada pelo sublinhado, denotam a profunda insatisfação da autora frente ao que encontrou:

Numa situação relativamente nova em relação ao romance<sup>10</sup>, o personagem Maninho, um dos cabras que acompanham Maria Moura desde o início de sua jornada como chefe de bando, trai a sua confiança, tentando roubar uma botija que julgava estar cheia de ouro. Inicialmente, outro cabra, Alípio, é o acusado e está para ser enforcado por Zé Soldado, quando então Maninho se trai. Zé Soldado, irmão de Maninho, a uma ordem de Maria Moura, coloca a corda no pescoço do irmão. Percebendo o sofrimento de Zé Soldado, Roque se oferece para executar a sentença, e enquanto isso Maninho consegue se soltar, mas ao tentar fugir, leva um tiro do irmão.

Sobre esse desdobramento, além do apelo destacado na folha de rosto, conforme descrito anteriormente, Rachel de Queiroz deixa, na página 28, onde a cena se consuma, várias observações. As anotações feitas por ela começam pela margem esquerda da página, e seguem no sentido anti-horário, na sequência:

A – “N.B. Para o Carlos Manga. R.Q.”

B - “Meu caro Manga – este final me desagrada muitíssimo. Zé Soldado não poderia ficar com a Moura após o sacrifício do irmão. Porque não outro personagem (um estranho), um novato, para fazer o ladrão? A solução de ficar o Zé Soldado c/ a Moura depois do assassinato brutal – destrói todo o clima de confiança, afeição, respeito que ligava Maria Moura aos seus fiéis: J. Rufo, Z. Soldado, Maninho. É um disparate...[a partir daqui o texto se torna ilegível].”

C – “Esse tiro do irmão no outro é uma brutalidade gratuita. Francamente, me horroriza.”

D – “E é contra toda a linha psicológica da Moura. R.Q.”

---

<sup>10</sup> No romance, Maninho acompanha Maria Moura até o fim, sempre leal a ela. Entretanto, há uma passagem que pode ter servido de referência para os roteiristas: um dos cabras, Pé de Bode, enterra uma botija com ouro em pó roubado. Maria Moura pune-o com uma semana de cárcere, a farinha e água, depois solta-o, entrega-lhe a sua parte no roubo e manda-o ir embora.



Não obstante os sinais de protesto contra a cena, este foi o único caso, em todo o roteiro, em que Rachel de Queiroz redige, numa folha à parte, uma sugestão para a reelaboração da ação, numa atitude desesperada para que a opção ali registrada não se concretize. Com sua sugestão, ela procura restaurar a linha psicológica – que vem sendo corrompida ao longo do roteiro – da Moura do romance, de apenas castigar seus empregados e, nunca, matá-los.

Comparando o roteiro com o produto final, percebemos que sua interferência, se não foi seguida à risca, também não foi totalmente desprezada. A cena, que poderia ter sido a mais cruel, envolvendo Maria Moura, acaba se concretizando numa oportunidade para ela demonstrar, na minissérie, a sua humanidade.

Totalmente refeita a ação, em relação ao roteiro, no produto audiovisual, os dois irmãos são poupados: um de matar, o outro de morrer. Quando descobre que o verdadeiro culpado pelo roubo é Maninho, Maria Moura deixa Alípio a tarefa de executá-lo. Alípio se nega, conforme fragmento transcrito da minissérie: “Eu sei que a lei é essa, sinhazinha. Mas Maninho ainda é muito moço e tem muito que aprender. Eu nunca gostei de matar por vingança, não...” Alípio pede a Maria Moura que outro cabra execute a sentença, e ela então passa a tarefa para Roque. Maninho tira o laço do pescoço e corre. Roque levanta o braço, para atirar uma faca, mas Maria Moura intervém, como se pode ler no diálogo transcrito da minissérie: “Deixa, Roque! Deixa, deixa! O Alípio tem razão, esse menino ainda tem muito que aprender. E é a vida que vai ensinar.”

Finalizando, pudemos concluir que as observações de Rachel de Queiroz, quanto às cenas do roteiro que feriam mais gravemente o caráter e a psicologia de Maria Moura, foram ouvidas e em grande medida acatadas pela direção da minissérie. E se a personagem, na obra audiovisual, não disfarça tão bem quanto no romance, a autoria de seus crimes, pelo menos conseguiu manter boa parte da sua ética e humanidade, merecendo dos espectadores, o que os leitores já lhe devotavam: respeito e admiração. E esse mérito só pode ser atribuído a Rachel de Queiroz, autora do *Memorial*

de *Maria Moura* em palavras e, de certa forma, co-autora do *Memorial de Maria Moura* em imagens.

## **Referências**

FARIAS, Roberto (*et. al*). *Memorial de Maria Moura* (minissérie de TV). Rio de Janeiro: Rede Globo, 1994.

FURTADO, Jorge, GERBASE, Carlos. *Memorial de Maria Moura* (roteiro). Rio de Janeiro: Rede Globo, 1994.

HOUAISS, Antônio. Memorial de Maria Moura. *Jornal do Commercio*, [Rio de Janeiro], p. 4, 6 out. 1992. Discurso pronunciado na Academia Brasileira de Letras, em 3 set. 1992.

MENDES, Marlene Gomes (coord.) *Documentos de processo: “Memorial de Maria Moura”*, de Rachel de Queiroz, Niterói: UFF, Instituto de Letras, Grupo de Pesquisa em Crítica Genética, 2000, 1 CD-ROM.

NERY, Hermes Rodrigues. *Presença de Rachel*. Ribeirão Preto/SP: FUNPEC Editora, 2002.

QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. 10. ed. São Paulo: Siciliano, 1997.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Revista Domingo*. 1994.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Revista Veja*. São Paulo: Abril, 02 outubro 1996. Páginas Amarelas.

SANTIAGO, Silviano. Com quantos paus se faz uma canoa. In: Arquivos literários. SOUZA, Eneida Maria, MIRANDA, Wander Melo (orgs.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 183-197.